



RELAÇÕES DE PODER NO ROMANCE *O HOMEM*, DE ALUÍSIO AZEVEDO

Rio de Janeiro

2023

JACQUELINE DOS SANTOS SOUZA

RELAÇÕES DE PODER NO ROMANCE *O HOMEM*, DE ALUÍSIO AZEVEDO

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras na habilitação Português-Literaturas.

Orientador: Gilberto Araújo de Vasconcelos Júnior

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

S729r Souza, Jacqueline dos Santos
Relações de poder do romance O homem, de Aluísio
Azevedo / Jacqueline dos Santos Souza. -- Rio de
Janeiro, 2023.
40 f.

Orientador: Gilberto Araújo de Vasconcelos
Júnior .

Coorientador: Ary Pimentel.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2023.

1. Literatura Brasileira. 2. Naturalismo. 3.
Aluísio Azevedo. I. Vasconcelos Júnior, Gilberto
Araújo de, orient. II. Pimentel, Ary, coorient.
III. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

JACQUELINE DOS SANTOS SOUZA

RELAÇÕES DE PODER NO ROMANCE *O HOMEM*, DE ALUÍSIO AZEVEDO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras na habilitação Português- Literaturas.

Data de avaliação: 24/ 07/ 2023

Banca Examinadora:

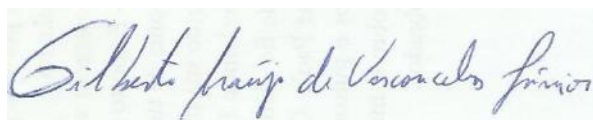
Prof. Dr. Gilberto Araújo de Vasconcelos Júnior
Faculdade de Letras – UFRJ (Presidente da Banca Examinadora)

NOTA: 10,0 (Dez)

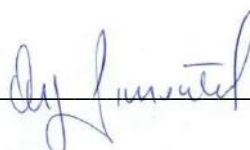
Prof. Dr. Ary Pimentel
Faculdade de Letras – UFRJ (Leitor Crítico)

NOTA: 10,0 (Dez)

MÉDIA: 10,0 (Dez)



Assinaturas dos avaliadores: _____



Rio de Janeiro
2023

À minha mãe, a Vicente (in memoriam) e ao nosso quarteto fantástico.

AGRADECIMENTOS

Deveria começar a dedicar os agradecimentos a Deus ou aos deuses, à família, aos amigos, ao professor, ao meu animal de estimação, mas prefiro começar com um desabafo. Escrever esta monografia não foi um processo fácil. Minha experiência dentro da UFRJ pode ser dividida em dois momentos: o antes e o depois da pandemia. O ano de dois mil e vinte chegou como uma avalanche que embaralhou projetos e adiou, ou anulou, talvez, alguns sonhos. A monografia se insere justamente no momento pós-covid.

Até decidir sobre o que pesquisar foi um período de muita angústia. Por onde começar? Como escrever sem poder viajar pelos diversos livros disponíveis na biblioteca de Letras, sem os debates acalorados no bandeirão, no ponto de ônibus após aquela boa aula que terminou às vinte e uma horas. Rascunho de e-mail redigido várias vezes para o orientador, objeto de pesquisa revisado dentro da cabeça a cada semana. Esperei, ou melhor, procrastinei, paralisada pela ansiedade causada por todo esse cenário de incerteza até sentir o tempo fugir.

Nesse processo exigi demais a paciência de Thaís, Caio e Beth com as minhas invenções e desculpas cujo único fundamento era iludir a mim mesma: "No próximo semestre eu me inscrevo", "Acho que não vou conseguir desenvolver esse tema", "Semana que vem eu começo a escrever", "Meu professor vai pro exterior e eu vou ter que adiar isso, poxa, que chato". Mas aconteceu.

Então, agradeço às mulheres da minha vida Rita, Érica, Elizabeth e Mariinha por me ensinarem que o conhecimento em todas as circunstâncias sempre valerá a pena.

Arthur por me estimular a ingressar nesta graduação.

A Caio, Beth e Thaís por serem os meus fiéis companheiros da UFRJ e, com toda a certeza, da vida.

Ao meu orientador Gilberto por ser um exemplo como professor de organização, didática, conhecimento e simpatia.

Ao professor Ary Pimentel por aceitar o convite para participar da banca examinadora desta monografia, e por, ao longo da graduação, me apresentar algumas obras sobre feminismo e a própria antologia *Filhes de Sycorax*, livro de contos produzido por alunos da graduação, na qual contribuí com o registro fotográfico que ilustrou uma das narrativas. Os livros serviram de instrumento para enxergar o mundo com outros olhos e a participação na antologia para desenvolver confiança e autoestima no mundo acadêmico.

Por fim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação e como inspiração para este trabalho.

*uma mulher incomoda
é interdita
levada para o depósito
das mulheres que incomodam*

Angélica Freitas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - O PAI	19
CAPÍTULO 2 - O MÉDICO	23
CAPÍTULO 3 - O “HOMEM”	27
CAPÍTULO 4 - MAGDÁ	30
CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

Partindo da premissa de que a neutralidade é algo inatingível, considerando as questões sociais, subjetivas e históricas dos indivíduos, o presente estudo tem como objetivo abordar as relações de poder e como elas são subvertidas dentro do romance *O homem* (1887), de Aluísio Azevedo. Nele, a protagonista Magdá, uma jovem de família pequeno-burguesa, desenvolve um quadro de histeria a partir da perda de Fernando, jovem criado como afilhado de seu pai que na verdade era seu irmão, fruto de um relacionamento extraconjugal e com quem tinha a pretensão de casar-se. Conforme seu estado psíquico se agrava, fracassam as tentativas normatizadoras de controle da “doença” e aflora cada vez mais a pulsão sexual da protagonista principalmente a partir do contato com “o homem” que dá título ao livro, o imigrante português trabalhador da pedreira e morador do cortiço de frente à sua casa.

Para evidenciar o objeto de estudo, faz-se necessário discorrer sobre a interpretação que foi atribuída ao naturalismo brasileiro por grandes figuras da crítica literária do século XX como Nelson Werneck Sodré, José Veríssimo e Alfredo Bosi, fazendo um contraponto entre a essa interpretação, o cenário econômico, social e político do Brasil às vésperas da proclamação da república; e a posição de Aluísio Azevedo frente a esse momento de grande instabilidade.

O século XIX é marcado pelos ideais da Revolução Francesa ocorrida no final do século XVIII. Essa revolução teve no romantismo a sua manifestação cultural mais significativa. Podemos considerar o romantismo como o movimento literário da burguesia ascendente tendo seu marco inicial manifestado na obra de Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther*, que apresentava os ideais do romântico jovem burguês, inconformado com a estrutura de poder estabelecida pela nobreza. Contudo, ao final do século, a burguesia já se estabelece como classe dominante e criando, por consequência do próprio sistema capitalista, uma massa de trabalhadores superexplorados. No bojo disso tudo, novas ideias surgem como o determinismo, o marxismo, as descobertas do cientista Charles Darwin e a filosofia positivista de Auguste Comte que remodelam a forma de pensar e agir da burguesia ao final do século XIX. O cientificismo do fim daquele século cria as bases teóricas para ideias preconceituosas presentes até hoje no imaginário social como as questões de raça como fator biológico de diferenciação entre povos inferiores e superiores, a desigualdade entre classes e as diferenças rígidas entre homens e mulheres, ideias instrumentalizadas para a dominação, pois, na lógica do sistema, a desigualdade de gênero, raça e classe é fundamental para a sua manutenção.

No Brasil, o cenário também é de transformação. Segundo Bosi (2015, p.135), a segunda metade do século XIX é marcada pela crise da economia açucareira em virtude da proibição do tráfico de escravizados, pelo crescimento das cidades e de uma classe média urbana que propicia o desenvolvimento de ideias abolicionistas, liberais e republicanas. É nesse contexto que surge o naturalismo no Brasil.

Os acontecimentos são alvos de disputas ao longo dos anos, especialmente na atualidade em que vivemos um período de crise semelhante ao do final de mil oitocentos no sistema econômico que impactam diretamente a sociedade em seus aspectos culturais e políticos. Sobre o naturalismo no Brasil, temos visões distintas quanto às circunstâncias de seu surgimento. O historiador Nelson Werneck Sodré (1965, p.25), apresenta uma visão problemática quanto ao cenário que fomentou a estética literária. Enquanto o romantismo consiste na estética literária que marcava a ascensão da burguesia, o naturalismo, estética sucessora, seria a marca de sua decadência e que iria estudar, sistematizar e denunciar os sintomas, identificados pelo realismo, dessa “decadência” da burguesia.

[...] Trata-se de uma escola peculiar à fase de decadência da burguesia, a fase a que a sucede a imperialista. Muitas são as formas por que se manifesta a sua decadência, a decadência dos seus valores, inclusive os éticos e estéticos. O naturalismo é uma dessas formas, e não a única, na literatura. [...] o naturalismo é um pouco a sociologia da literatura. Como surgira uma ciência especial para o estudo da sociedade? Pela necessidade, quando todas as condições impunham a ampliação da economia para desvendar as relações sociais, de uma forma de ciência, que afastasse a economia e que aparentemente a superasse, como específica, para a interpretação e a definição das grandes lutas sociais que se travaram. (SODRÉ, 1965, p. 25)

Para o historiador, o naturalismo surge no momento em que os países centrais, como França e Inglaterra, viviam as crises geradas pelo crescimento da classe trabalhadora nas grandes cidades, a piora nas condições de vida dessa classe e o aumento das contradições da relação entre a burguesia industrial e essa classe trabalhadora. Concomitante a isso, surgiram novas tecnologias e a ascensão das ciências para explicar os fenômenos naturais e sociais. Ainda segundo o historiador, o mundo literário não ficou alheio a isso: bebeu na fonte do conhecimento científico e filosófico, marcando o início da nova estética literária, que se apropria dos discursos das diversas áreas do conhecimento científico para fundamentar o efeito da realidade nos romances e que esteticamente reproduz essa decadência. Essa interpretação é um tanto quanto problemática, pois está presa a valores nitidamente conservadores no sentido de qualificar como decadente tudo que não se encaixaria nos padrões estéticos dominantes.

No Brasil, Veríssimo (1981), crítico literário contemporâneo a Aluísio Azevedo, afirma que o naturalismo em nada se diferencia do modelo europeu e que poucas obras notáveis

produziu, salvo poucas exceções como a do autor do *Cortiço*, que, nas palavras do crítico, “trouxe à nossa ficção o mais justo sentimento da realidade, [...] maior interesse humano, inteligência mais clara dos fenômenos sociais e da alma individual, [...] uma representação menos defeituosa da nossa vida que pretendia definir” (VERÍSSIMO, 1981, p. 243). Sodré (1995), em *História da literatura brasileira*, livro de 1938, também segue a linha de raciocínio de Veríssimo, ou seja, a de que a estética literária seria uma importação do modelo europeu, demonstrando, assim, que a visão crítica de Veríssimo foi a que se tornou dominante no início do século XX no que refere à interpretação do naturalismo no Brasil. Para o historiador, o movimento naturalista não teve uma longa duração no Brasil em virtude da realidade distinta dos países europeus. Os naturalistas brasileiros, quando buscavam se aproximar do modelo de naturalismo europeu, produziam obras “presas” ao terreno da fisiologia e na descrição dos costumes voltadas sobretudo a casos excepcionais dos fenômenos. Suas obras não encontraram ressonância e só alcançaram o interesse do público, nas palavras do historiador, “por motivos estranhos à literatura” (SODRÉ, 1995, p. 385).

Em seu artigo intitulado “A promoção publicitária de *O homem* (1887), de Aluísio Azevedo: naturalismo, pornografia e mercado livreiro”, Camello (2018) demonstra que esses motivos alheios à literatura citados por Sodré em *História da literatura brasileira* faziam parte de uma estratégia publicitária de Aluísio Azevedo para promover o seu romance naturalista *O homem*. Amparado pela estética naturalista em voga no período da publicação do romance, o autor destacou o aspecto cientificista da obra para descrever um caso de histeria e por outro lado investiu no aspecto “pornográfico” do livro para atrair leitores. Camello (2018) citando Maingueneau (2010)¹, ressalta que até o século XIX ainda não havia a divisão entre a chamada escrita “pornográfica”, “erótica” e “obscena”, essa divisão só passaria a existir a partir do século seguinte e, portanto, toda a literatura que representasse coisas imorais ou obscenas era imediatamente associada à literatura licenciosa pelos leitores da época.

Bosi (2015), em *História concisa da literatura brasileira*, nos apresenta outro ponto de vista quanto a transição do romantismo para o naturalismo, excluindo a afirmação de que a nova estética literária marcaria a decadência da burguesia, embora concordando em termos estéticos quanto a sua inferioridade em relação ao romantismo. Para o autor, a realidade material e as contradições da sociedade brasileira do segundo reinado, ampliadas pelo cenário econômico faz

¹ MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

nascer uma nova literatura que nem sempre irá se identificar com a realidade e a influência europeia:

Pelos meados do século, desapareceram em todo o Ocidente os suportes do romantismo passadista: não tinham mais função social a velha nobreza e a camada do clero resistente à nacionalização e ao laicismo que a Revolução Francesa fizera triunfar na sua primeira fase. Por outro lado a agressividade romântico-liberal das classes médias contra o mundo dos altos negócios se canalizou para o socialismo. Assim, dos anos de 60 em diante, só haverá duas vertentes ideológicas relevantes na Europa culta: o pensamento burguês, conservador (outrora, radical, em face da tradição aristocrática), e o pensamento das classes médias (ou, em raros casos de consciência de classe, dos proletários), que assume os vários matizes de liberalismo republicano e de socialismo (BOSI, 2015, p. 136)

Essa transformação a partir do crescimento das cidades fez nascer uma classe média urbana que rejeita o clero, o modelo econômico escravista e o império. Obviamente, esse movimento de contestação às estruturas de poder vigentes até então iria gerar uma reação e é nessa dialética entre o pensamento conservador burguês e o da classe média trabalhadora que floresceu o naturalismo no Brasil. Contudo, a visão da estética naturalista definida especialmente por Veríssimo e Sodré é a versão que se sobressai na primeira metade do século XX na história da literatura brasileira. Nesse sentido, convém indagarmos por que uma estética literária e um autor consideravelmente popular no período em que suas obras foram publicadas, como foi Aluísio Azevedo, ficou resumida a uma literatura menor que visaria apenas à descrição dos fenômenos sociais e fisiológicos. Por que muitos livros naturalistas foram apagados da historiografia brasileira e estão apenas ressurgindo mais de cem anos depois? O romance *O homem* de Aluísio Azevedo nos fornece pistas desse embate entre o discurso conservador e outro mais “progressista”, em uma sociedade ainda marcada pelo forte poder da igreja e pelo rígido sistema patriarcal defendido pela burguesia.

No livro *O homem*, a questão central da personagem principal, Magdalena ou Magdá é, ironicamente, a ausência do homem. A história gira em torno dessa jovem filha do conselheiro Pinto Marques que desenvolve um quadro de histeria a partir de um acontecimento trágico: a descoberta de que Fernando, rapaz tido como afilhado de seu pai e pelo qual tinha intenção de casar-se assim que ele concluísse a faculdade de medicina, era na verdade seu irmão, fruto de um caso extraconjugal de seu pai com uma mulher também casada. A dor pela impossibilidade de concretizar a relação amorosa é agravada ainda mais pela morte repentina do rapaz na Europa.

Antes do falecimento de Fernando, Magdá já apresentava resistência na escolha de um parceiro para casar-se. Logo nas primeiras páginas do romance surge a figura do médico, Dr.

Lobão, amigo pessoal do conselheiro que identifica os primeiros sinais de um quadro de histeria e aconselha seu amigo a casar imediatamente sua filha: “E..! mas não convém que esta menina deixe o casamento para muito tarde. Noto-lhe uma perigosa exaltação nervosa que, uma vez agravada, lhe pode interessar os órgãos encefálicos e degenerar em histeria...” (AZEVEDO, 1887, p.51). Adiante, o quadro de histeria de Magdá evolui aos poucos, concomitante às tentativas de seu pai, seguindo as orientações do doutor, de encontrar um pretendente para a sua filha. Quando jovem tem uma de suas crises na frente de um dos pretendentes, seu pai providencia uma viagem à Europa com o objetivo de melhorar o quadro de saúde de sua filha, mas ao contrário do esperado, Magdá retorna da viagem com o desejo de seguir uma vida religiosa e é amparada por sua tia beata, Camila. A união da filha do conselheiro e sua tia solteirona e religiosa dura pouco, até a morte de Camila que já estava há muito tempo debilitada.

Após esse acontecimento, o livro retorna ao ponto de origem, que é o momento em que Magdá observa, sentada no divã de sua sala, os funcionários de uma pedreira que funcionava em frente à janela de sua casa em Botafogo, bairro nobre do Rio de Janeiro e decide subir a pedreira. Lá, sofre um mal-estar e é acudida pelo cavouqueiro Luís. Esse é o único momento em que a personagem tem contato real com o homem que dá título ao livro. A partir desse episódio, a filha do conselheiro passa a ter sonhos com o cavouqueiro e aos poucos vai abandonando os acontecimentos da vida real para se abrigar na vida paralela dos sonhos, a qual ela tem plena liberdade sobre os seus desejos. Na vida real, Luís casa-se com Rosinha, sua noiva e irmã da criada portuguesa de Magdá, Justina. Ao saber que Luís, seu amante em sonho, casou-se com Rosinha, Magdá envenena e mata os recém-casados. O romance termina com a filha do conselheiro sendo levada para a casa de detenção.

O romance de Aluísio Azevedo foi lançado em 1887. No auge do movimento naturalista, na década de 1880, houve uma ampliação dos conflitos que vinham se manifestando desde a segunda metade daquele século, tais como a luta do movimento abolicionista, aumento dos custos de manutenção da mão de obra em virtude das diversas rebeliões promovidas pelos escravizados e proibição do tráfico de pessoas, queda de cidades coloniais importantes e crescimento das cidades do centro-sul do país, fim da monarquia e a proclamação da república. Todo esse cenário era uma ameaça ao poder estabelecido pela burguesia brasileira da época, não à toa, a proclamação da república foi encabeçada por setores conservadores da política brasileira. Portanto, havia a necessidade de se manter todo um controle centrado no sistema patriarcal, sobretudo no homem branco burguês, no poder da igreja e num novo ator: a ciência, esta última muitíssimo utilizada para justificar a manutenção das relações de poder.

Sobre esse cenário descrito no parágrafo anterior, Mendes & Catharina, no texto “Naturalismo, aqui e lá-bas” (2009, p. 114), fazem uma reflexão acerca da interpretação canonizada que o naturalismo ganhou no Brasil e evita a afirmação de que este seria apenas a importação do naturalismo francês. Os autores atribuem a questão republicana nos dois países como um dos impulsionadores da nova estética literária. Além do “Romance experimental”, Émile Zola escreveu o ensaio “República e literatura” em que faz uma ligação entre literatura, ciência e política. O escritor francês afirma que a literatura é fundamental na sociedade e na constituição dos governos e que por ser uma arma tão poderosa e perigosa, representa uma ameaça aos regimes políticos até mesmo na república. Na França, houve a queda do império de Napoleão III e assim se estabeleceu a república e no Brasil o cenário foi semelhante. Portanto, para o autor, o romance naturalista era um romance republicano. Em complemento, Mendes no texto “O romance republicano: naturalismo e alteridade no Brasil 1880-90” (2009, p. 190), afirma que a crítica literária canonizada no Brasil reconhece o envolvimento dos autores naturalistas às causas do movimento abolicionista e com a ascensão da república, mas, por outro lado, faz uma divisão entre a atividade política de seus autores e suas obras. Como o romance naturalista brasileiro foi compreendido pela crítica no contexto apenas das escolas literárias europeias, retirou-se do foco os conflitos da cena política local do final de 1800.

Olhando por outra perspectiva, podemos considerar que os escritores naturalistas não estavam alheios aos acontecimentos da cena política nacional. O discurso científico presente no naturalismo foi usado como estratégia de seus autores para camuflar o real discurso presente nas narrativas, ou seja, o discurso pela defesa da república, crítica ao sistema escravista e aos valores e normas da classe dominante brasileira presente na Corte imperial. Segundo Mendes & Catharina (2009, p. 116), a queda do prestígio das oligarquias regionais ao longo do império em virtude da mudança dos ciclos econômicos e concentração das atividades no centro-sul do país, dominada pela monocultura do café, gerou uma diminuição da força política e cultural desses grupos nos espaços de poder do império. Como consequência, os escritores que viviam fora do eixo Rio-São Paulo e que não se sentiam representados pelo poder monárquico migraram para a Corte com o objetivo de ganhar a vida com arte e introduzir um outro ponto de vista na literatura nacional, no qual os personagens seriam os verdadeiros representantes da sociedade brasileira: os negros, os mestiços, e trabalhadores brancos e pobres.

Muitos escritores naturalistas escreviam em jornais e eram ferrenhos críticos do império e apoiadores da república. Aluísio Azevedo, segundo Mérian (2013, p. 156), compreendia que a manutenção do regime escravagista e a forte presença da igreja e sua influência sobre as

famílias eram as causas principais da decadência social e dos costumes em seu estado natal, o Maranhão.

Aluísio Azevedo, que havia tomado consciência muito cedo da iniquidade da escravidão e de seus efeitos negativos, lutou constantemente em favor da abolição desta instituição que era a seus olhos a vergonha do Brasil. [...] Indo mais longe que vários de seus correligionários, ele ligava a abolição da escravatura ao estabelecimento da República no Brasil (MÉRIAN, 2013, p. 148).

Além de escrever em jornais, outra estratégia usada pelo autor para difundir suas ideias foi publicar o romance *O mulato*, narrativa considerada para muitos dentro da estética do romantismo e que apresentava questões presentes na sociedade maranhense como o racismo e o preconceito contra os não brancos, mesmo possuidores do capital cultural europeu.

Sobre a influência do clero na sociedade, Azevedo considerava que a principal vítima era a mulher (burguesa, claro) que ao longo da vida recebia uma educação que leva ao fatalismo e a acomodação, impedindo, a luz do Positivismo, qualquer ideia de progresso social como o próprio afirma em uma crônica publicada no periódico local *O Pensador*²:

A mulher maranhense é por excelência a devota, a carola, a mulher cheia de superstições [...] É a mulher feia, magra, anêmica, cheia de frieiras, com o hálito quente, as mãos úmidas [...] A mulher maranhense é a mulher que se casa aos catorze anos e inutiliza-se para o resto da sua vida, é a mulher que acredita nos milagres da Virgem, nas cóleras de Deus, na eficácia da confissão, na necessidade moral do jejum, é a mulher supinamente ignorante dos seus deveres sociais e de suas obrigações domésticas. [...]. Em consequência dessa falta de confiança em si, a mulher maranhense quando tem um filho, não procura pôr em prática um meio de fazer dele um homem de bem, não procurar prepará-lo para vir a ser um cidadão útil, não! entrega-o a ignorância dos professores e a conveniência dos escravos, e diz - “Ora, será o que Deus quiser! Será o destino mandar!” (AZEVEDO, 1981, p. 4 apud MÉRIAN, 2013, p. 158).

A mulher descrita em sua crônica muito se assemelha ao que alguns anos mais tarde seria a protagonista de seu romance *O homem*. O embrião de Magdá já estava ali, em 1881. Os fatos, portanto, corroboram a versão de que as disputas de classe estavam intrinsecamente ligadas às narrativas naturalistas, a despeito da pseudoneutralidade do discurso científico. O escritor não está alheio aos conflitos sociais de seu tempo e sua obra inevitavelmente irá refletir sua visão de mundo que por sua vez será muito determinada pelo seu lugar de classe dentro da realidade nacional.

² AZEVEDO, Aluísio. Crônica, *O Pensador*, São Luís do Maranhão, 10 mar. 1881. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761176&pasta=ano%20188&pesq=&pagfis=83>. Acesso em 28 de maio de 2023.

Pleitear o naturalismo de Zola compreendia uma estratégia de inserir o romance dentro da linguagem exigida da época, a linguagem do cientificismo, da neutralidade, para, dentro da narrativa, desmascarar a hipocrisia da sociedade imperial e mostrar os diferentes ‘brasis’.

É ingênuo, contudo, acreditar que não havia interesses econômicos por trás desse discurso dos chamados autores boêmios do naturalismo. A grande queixa dos escritores da época como Aluísio é que o imperador não demonstrava interesse em criar políticas para que os escritores pudessem sobreviver apenas de sua arte.

O Imperador estava pronto a proteger, a incentivar o aulicismo literário, mostrando-se, entretanto, indiferente à criação de meios que melhorassem a situação do homem de letras no país.

[...] Na verdade, os “boêmios” não eram geralmente boêmios na acepção comum do termo. Na maioria, trabalhavam mais do que muito intelectual que hoje passa a levar uma vida essencialmente ativa e metódica. [...] Aluísio Azevedo, sacrificando seu pendor para o Naturalismo, multiplicava-se em romances-folhetins, publicados na imprensa e logo editados em livros, avidamente procurados pelo grande público. [...] Mas o que acontecia com essa geração, fazendo-a, talvez, disputar tanto o rótulo de boêmia, era pretender viver da atividade literária, [...] Os “boêmios” quiseram libertar-se de outras profissões, serem apenas literatos, fazendo tanto quanto possível da Literatura meio de vida, e por aí, por causa dessa visão “prática” das letras se tornaram “boêmios” (BROCA, 1991, p.117-118).

Aluísio Azevedo, assim como muitos escritores do naturalismo, conforme escreve Brito Broca (1991), trabalhavam em vários jornais e produziam peças teatrais para sobreviver. Também não podemos dizer que os chamados boêmios do naturalismo pertencessem às classes mais subalternizadas da sociedade; Mendes & Catharina (2009, p. 120) destacam que esses autores eram trabalhadores que, devido ao prestígio de sua atividade laboral, conseguiam transitar entre os círculos sociais mais diversos.

Assim como qualquer pessoa que não possui estabilidade no mundo do trabalho, depender financeiramente desses veículos de imprensa significava, indiretamente, perda de autonomia crítica desses escritores, mas poderia haver mecanismos para driblar essa limitação e ainda obter certa estabilidade financeira. Entendendo que usar o naturalismo de Zola consistia numa estratégia para abrir as portas do mercado editorial e permitir certa estabilidade material, o romance *O homem* fez Aluísio Azevedo começar a ser visto como um dos grandes nomes do naturalismo brasileiro.

Já entendemos aqui que a neutralidade é algo inatingível e a interpretação dos fatos varia de acordo com a posição social e o contexto histórico. Por mais que o naturalismo se apresentasse como uma estética literária que buscasse, assim como o método científico, descrever os fenômenos através da abordagem literária, a literatura se desenvolve por outros

códigos. Aluísio Azevedo, como homem fruto de seu tempo, sabia e não fugia dessa lógica, mas podemos afirmar que o cientificismo presente em seu romance de 1887 foi uma estratégia utilizada pelo autor para legitimar sua obra como naturalista e, pelos códigos da literatura, imprimir um discurso contra as forças conservadoras do país.

Costa (1989), em seu livro *Ordem médica e norma familiar*, de 1979, nos apresenta a história da transformação e “normativização” das relações intrafamiliares brasileiras, especificamente da família burguesa e nos auxilia a analisar a lógica machista e higienista do século XIX, a partir da qual podemos concluir como Magdá, de certa forma, subverte o papel que caberia à mulher burguesa daquele século. Mas antes precisamos analisar os antecedentes que levaram a esse quadro.

Conforme discorre Costa (1989, p. 95), a casa colonial seria muito ocupada por elementos estranhos ao núcleo familiar “tradicional”, ou seja, pai, mãe, filhos. Em geral, os escravos faziam todo o trabalho que hoje a tecnologia permite. Nesta casa, a família não teria a necessidade de estabelecer uma aproximação com os seus membros, pois essa relação era dispensada pela comodidade dos escravos. Ao pai cabia a responsabilidade econômica, cultural, social e sexual. O pai representava o *status quo* da família e sua relação com os demais membros era marcada pela sua autoridade e pela passividade dos filhos e esposa. O pai, como chefe dessa empresa familiar, era também o responsável por determinar a profissão, as escolhas afetivas e sexuais de seus membros. Num espaço demarcado por funções sociais muito bem delimitadas não haveria, portanto, espaço para vontades individuais.

A mulher nessa sociedade tinha a função reprodutiva e dentro da casa era ela que supervisionava os escravos, gerenciava a casa, era a professora e enfermeira dos filhos. Não havia a necessidade de sair da casa porque o comércio chegava até a sua residência através do grande número de vendedores, e era providencial esse isolamento da mulher, pois, para o patriarca da família, o isolamento de suas filhas evitava possíveis relações afetivas com homens de posição social desvantajosa.

Ainda segundo Costa (1989, p.104), “na sociedade antiga a imobilidade da hierarquia social dispensava certos instrumentos de afirmação de poder que, a partir de então, tornaram-se necessários”. Um desses instrumentos de afirmação que se tornaram necessários eram as festas e reuniões domésticas. A vinda da família real ao Brasil trouxe um grande número de aristocratas, políticos, comerciantes, dentre outras figuras de poder. Para a manutenção de seu prestígio social, não bastavam terras e escravos, a burguesia colonial brasileira precisava

adaptar-se aos costumes da Corte para enobrecer-se e para isso era necessário adotar o modo de vida da burguesia europeia. Em pouco tempo as festas tornaram-se uma necessidade.

Na colônia, a rusticidade de costumes e a escassez de famílias ricas que se relacionavam entre si converteu o casamento num procedimento simples, executado sem maiores preâmbulos. O patriarca escolhia o parceiro dos filhos nas poucas famílias que conhecia [...] A diferenciação social iniciada no período joanino complicou sobremodo esta situação. A oferta de bons partidos aumentou e a disputa por eles ganhou complexidade notável. O casamento não dependia exclusivamente da escolha do pai. (COSTA, 1989, p. 107)

O prestígio da família burguesa não dependia exclusivamente da vontade do pai, e esse fato fez com que a mulher, que antes tinha um papel de total passividade, passasse a ter um papel ativo dentro desse jogo de interesses econômicos. Dependia da sua capacidade de sedução o sucesso ou fracasso de uma reunião doméstica e por essa razão a mulher passou a receber uma atenção que até então não existia, permitindo a entrada do médico como uma figura de autoridade e domesticação dentro do núcleo familiar.

A partir da segunda metade do século XIX, a ascensão da filosofia positivista, as descobertas científicas, e no Brasil o surgimento dos centros urbanos, modificam as formas de relacionamento das famílias. Se até então o clero ditava as formas de organização das relações familiares, na metade do século dezenove o discurso científico entra na disputa nos ditames sobre as formas de ser e nos relacionamentos da família burguesa e que terá impacto nas demais classes econômicas. A resolução dos conflitos domésticos passaria gradativamente das mãos do clero para os especialistas. Entretanto, segundo Costa (1989):

Mediante a esta tática, a vida privada dos indivíduos foi atrelada ao destino de uma determinada classe social, burguesia, de duas maneiras historicamente inéditas. Por um lado, o corpo, o sexo, e os sentimentos conjugais, parentais e filiais passaram a ser programadamente usados como instrumento de dominação política e sinais de diferenciação social daquela classe. Por outro lado, a ética que ordena o convívio social burguês modelou o convívio familiar, reproduzindo, no interior das casas, os conflitos e antagonismos de classe existentes na sociedade. As relações intrafamiliares se tornaram uma réplica entre as classes sociais (COSTA, 1989, p. 13).

Assim, seguindo as premissas do discurso higienista, o pai burguês dedica um cuidado especial aos filhos e, para tanto, conta com o auxílio dos agentes de normalização. A figura do médico é a mais presente nessa nova dinâmica.

É importante, contudo, compreendermos que essa mudança na percepção sobre o modo de ver e viver o mundo dessa burguesia brasileira no final do século XIX não se dará apenas pela necessidade de adaptação às transformações ocorridas no Brasil e no capitalismo dos países centrais, mas também através do surgimento de outros aparelhos ideológicos que se fazem

presentes sobre a vida dos indivíduos e que vão além da família e da igreja. Podemos incluir nesse grupo o surgimento das primeiras escolas, da imprensa e das editoras no Brasil. A cultura entra nessa disputa como uma aliada na disseminação das ideias dominantes, mas que pode, pela mão do escritor, ser também um instrumento contra essas mesmas ideias. Os escritores do naturalismo brasileiro de certo modo apreenderam o discurso higienista de seu tempo histórico, mas por outro lado, algumas obras subvertem essas relações de poder estabelecidas pela normatização higienista.

Nos capítulos a seguir, analisaremos os personagens e como se configura essas relações de poder mediadas pelo discurso higienista. Do primeiro ao terceiro capítulo iremos dissecar as figuras masculinas dentro da narrativa - o pai, o médico e o “homem” cobiçado pela jovem burguesa -, três agentes masculinos em hierarquias diferentes de poder. Temos “O homem”, que dá título ao livro, na figura do trabalhador braçal Luís; o conselheiro Pinto Marques, o pai pequeno-burguês zeloso; e o médico Dr. Lobão, figura vista como a mais alta autoridade científica dentro do romance. Todos os três representam funções específicas dentro da lógica patriarcal, mas também fogem à regra do que era exigido de um homem movido pelo discurso burguês.

No quarto capítulo veremos como processo de normatização imposto leva nossa heroína naturalista ao agravamento do quadro de histeria e ao profundo estado de decadência física, psíquica e social e como ela subverte a essas imposições se refugiando no mundo onírico e na loucura, para permitir-se viver livre (ainda que não concretamente), não recorrendo ao destino estabelecido pela moral burguesa: a instituição do casamento.

1 O PAI

Aluísio Azevedo descreve assim o pai de Magdá, o conselheiro Pinto Marques:

Um belo homem! Alto, bem apessoado, fibra seca, barba à Francisco I, toda branca, olhos ainda vivos e uma calva incompleta que lhe ia até ao meio da cabeça, dando-lhe ao rosto uma fina expressão inteligente e aristocrata. Fora da marinha, mas aos trinta e cinco anos pediu a sua demissão, instalara-se no Rio de Janeiro e casara, entregando-se desde essa época a política conservadora. Enviuvou pouco depois do nascimento de Magdá, único fruto do seu matrimônio; chamou então para junto de si a irmã, D. Camilla, que vivia nesse tempo agregada em casa de outros parentes mais remotos; a filha foi entregue a uma ama até chegar à idade de entrar para pensionista de um colegiado de irmãs de caridade. (AZEVEDO, 1887, p. 14)

A primeira imagem que temos é de um homem bonito, de boa aparência para os padrões esperados de um patriarca da Corte, de “barba à Francisco I”, referência ao rei Francisco I da França, entre os séculos XV e XVI. O monarca ficou conhecido como o rei-cavaleiro, patrono das artes e responsável pelo início do renascimento naquele país, para onde inclusive levou artistas italianos³. Essa primeira citação descreve o pai de Magdá como um apreciador das artes clássicas e das ciências. Em seguida o narrador nos informa que o conselheiro fez parte da marinha, o que rompe um pouco a expectativa de um traço sensível de sua identidade, visto que a imagem cristalizada na socialmente de um militar é a de um homem rígido, que jamais cederia à fraqueza e à passividade, características historicamente ligadas ao gênero feminino. Essa primeira descrição do pai de Magdá nos traz a imagem de um homem conservador, amante das artes e com fé na modernidade e na ideia de progresso, pensamento que moldou boa parcela da intelectualidade do século XIX.

O conselheiro, após pedir demissão da marinha, casa-se e entrega-se à política conservadora, justamente, como se revela nas páginas seguintes do romance, após cometer um adultério. Observa-se a necessidade do conselheiro em buscar a correção, ou talvez, a negação de seus atos praticados fora da norma familiar por meio da repressão da lembrança do adultério cometido, ou seja, o conselheiro se apega à autoridade da consciência. Pouco se fala sobre a mãe de Magdá. A única informação que temos é uma sugestão de que ela sofreria das mesmas enfermidades da filha. Daí uma forte necessidade do patriarca em dar uma educação que fornecesse todo tipo de formação cultural para que a filha não pudesse desenvolver qualquer enfermidade psíquica, pois, considerando que o período histórico do romance é fortemente

³ O italiano Leonardo da Vinci passou seus últimos anos na França. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 02 mai. 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/05/02/interna_internacional,1050605/o-italiano-leonardo-da-vinci-passou-seus-ultimos-anos-na-franca.shtml. Acesso em 05 de março de 2023.

marcado pelo determinismo, era natural pensar que tanto o personagem quanto o leitor acreditasse que o destino de Magdá estaria determinado pela doença sofrida pela mãe e pela natureza “libidinosa” do pai, visto que ele se envolvera com uma mulher casada.

Após a perda da esposa, o conselheiro busca imediatamente a figura da irmã para ocupar o espaço que caberia à mãe na educação de sua filha até o momento em que esta chega à idade para consumir um matrimônio. O fato de ter se associado à política conservadora poderia indicar a necessidade de exercer um controle sobre a sua filha, para que ela não se desviasse da norma estabelecida para uma família pequeno-burguesa. A educação no colégio das irmãs de caridade e a presença da tia representam o discurso da moralidade pela autoridade do divino. Nota-se que Magdá internamente tem uma preocupação muito forte em manter a aparência de uma mulher pertencente à pequena burguesia, preocupação certamente forjada em sua educação no colégio das irmãs. Sua tia, Camila, representa o laço que une a protagonista aos valores morais prescritos pela norma cristã.

Magdá recorre aos ensinamentos de sua tia beata para resistir à forte pulsão sexual, sem obter sucesso, visto que, nas orações ensinadas pela beata, a protagonista enxerga não o Jesus Cristo santificado, mas o homem-objeto, de carne e osso na cruz. Com a morte de Camila, Magdá vai aos poucos se afastando da repressão religiosa e se apoia, em tese, no discurso científico para reprimir seus desejos.

Interessante observar que os ensinamentos religiosos “fogem” da realidade concreta e irão se instalar no universo onírico criado por Magdá. As situações vividas em sonho pela protagonista e seu amante remetem a passagens bíblicas, como no episódio da Ilha do Segredo em que Magdá recolhe a flor proibida e como consequência faz com que o rio invade a ilha, numa clara referência à Eva. O tratamento com o Dr. Lobão representa o discurso da modernidade, ou seja, a salvação única e exclusivamente pela razão, onde o sexo era visto como uma necessidade de procriação da espécie, e não de prazer. (COSTA, 1989, p. 226).

Todas essas estratégias de controle geram na filha do conselheiro Pinto Marques um recalque que se manifesta através dos sonhos e evolui paulatinamente para o agravamento do quadro de histeria:

[...] Os sonhos recorrentes de Magdá são partes integrantes de seu delírio. Para Freud, não haveria mistério nisso, porque os sonhos e as ideias delirantes provêm da mesma fonte: o material recalçado, e visam ao mesmo objetivo, a satisfação de um desejo, a correção de uma realidade insatisfatória (ROUANET, 2004, p. 438).

Essa realidade insatisfatória seria justamente preconizada pela norma familiar e pela qual a protagonista tenta se adequar para atender as vontades do pai e do divino. Mas há em Aluísio de Azevedo, não só nesta obra como em outras, a crítica aos costumes da burguesia e o sarcasmo ao retratar seus personagens na posição de poder. O conselheiro não foge à regra: segue a cartilha do pai higienista como casar para reproduzir-se, trabalhar para manter os filhos, investir na saúde, na educação, poupar dinheiro e se culpabilizar pelo insucesso dos filhos. Contudo, o homem que segue essas obrigações exigidas pela nova norma higienista do século XIX é retratado como um tolo. Por ter fé cega na modernidade, na teoria, o conselheiro leva ao pé da letra os métodos prescritos pelo Dr. Lobão, mesmo não obtendo resultado positivo; perde grandes quantias de dinheiro, promovendo festas em busca de pretendentes para sua filha; e possui valores morais extremamente rígidos, como é possível identificar neste seu diálogo com o médico:

- Ora! A luta da matéria que impõe e da vontade que resiste; a luta que se trava sempre que o corpo reclama com direito a satisfação de qualquer necessidade, e a razão opõe-se a isso, porque não quer ir de encontro a certos preceitos sociais. Estupidez humana! Imagine que você tem uma fome de três dias e que, para comer, só dispõe de um meio de roubar! O que faria neste caso?
- Não sei, mas com certeza não roubava...
- Então morria de fome... Todavia um homem, de moral mais fácil que a sua, não morreria, porque roubava.... Compreende?
- Pois aí tem! (AZEVEDO, 1887, p. 70).

Considerando que Magdá era uma mulher que impunha as suas vontades, não demonstrava submissão e tinha maior interesse na união conjugal mais pelo aspecto emocional do que econômico (racional), era fundamental, para assegurar a respeitabilidade do conselheiro perante sua classe, o controle e a repressão desse comportamento que, na visão do agente normatizador, era o prenúncio de uma patologia que iria desembocar em atitudes escandalosas, leia-se ninfomania, que poderiam pôr em risco a reputação do patriarca na sociedade. Contudo, ao contrário do homem vislumbrado pela nova norma familiar, o conselheiro e o médico falham. Magdá exige a submissão ilimitada de todos, dos criados ao pai, invertendo o modelo masculino dominante. A filha usa a justificativa da doença para não ser contrariada e impor seu retorno a Botafogo, mesmo quando ainda estava com a família na casa da Tijuca (AZEVEDO, 1887, p. 114) e engana o pai fingindo que está tomando os xaropes receitados pelo médico, que acredita sem pestanejar quando ela apresenta uma melhora (AZEVEDO, 1887, p. 208). Na casa do conselheiro tudo gira em torno dos humores de Magdá: a criada Justina permaneceu prestando serviços por ter ganhado a confiança da filha do conselheiro; o médico é acionado de acordo

com as necessidades da moça; a agenda de compromissos do pai visa atender as vontades de sua filha enferma. Ao definir a rotina domiciliar de acordo com as necessidades de Magdá, a superioridade do homem sobre a mulher, neste caso do pai sobre a filha, esmorece.

Aluísio de Azevedo, segundo Mérian (2013, p. 452), era um homem que denunciava em seus romances-folhetim os costumes escandalosos da burguesia da Corte. O autor tirava da sua convivência fatos, amostras do modo de vida da burguesia da época e sua futilidade e descortina o falso glamour dessa classe, demonstrando como seu modo de viver era fruto não de convicções firmes, mas de um jogo de interesses cujo objetivo era obter ascensão social por meio das alianças realizadas por interesses exclusivamente econômicos.

No senso comum e dentro da lógica patriarcal de poder, o que se esperaria da figura do pai era de um homem forte, um grande herói, carregado de valores éticos e morais bem rígidos. É interessante observar como o narrador desconstrói essas expectativas em relação ao conselheiro Pinto Marques dentro do romance. Nas primeiras páginas do livro, a voz narrativa atua como um observador da realidade e do quadro de histeria de Magdá e, aos poucos, assim como a lucidez protagonista, se afasta e mergulha completamente na fantasia dela no último capítulo. Nos primeiros capítulos do livro, ele narra a história anterior à cena inicial do romance (Magdá na sala da casa de Botafogo a observar a pedreira), descrevendo, quase como num ensaio científico, os traumas que estariam levando a protagonista à evolução do quadro de histeria. Há uma clara separação entre o narrador e a personagem principal. O médico, Dr. Lobão, atua como um porta-voz do narrador e é ele que irá aconselhar, trazer a grande solução (científica) do conflito da protagonista ao pai desesperado para evitar a evolução da enfermidade da filha.

A partir do momento em que Magdá passa a sonhar diariamente com o cavouqueiro, o narrador passa a adotar um discurso quase oposto ao narrado na realidade de Magdá. No diálogo entre ela e o pedreiro Luís, por exemplo, surge o *topos* da hipocrisia da instituição casamento. O matrimônio, nas palavras do cavouqueiro em sonho, é a prova pública da união por interesse e só serviria para demonstrar poder/status. O casamento não compraria a lealdade, e Magdá estava em busca disso, de um relacionamento leal, da relação que ela supunha existir com Fernando. No mundo onírico da jovem, o pai surge inicialmente com uma postura muito mais rígida que a da realidade, no sentido de desaprovar o romance entre sua filha e o cavouqueiro. Porém, o próprio sonho se adapta à realidade desejada por Magdá, uma vez que, nesse mundo

paralelo, Luís seria um nobre disfarçado de trabalhador para conquistar e atender os verdadeiros anseios da protagonista, que desejava uma figura fisicamente hercúlea e dotado de virtudes exigidas socialmente.

No último capítulo do romance, o narrador mimetiza na loucura da protagonista. O pai surge neste instante apenas em flashes. Magdá deixa transparecer o desejo, o sadismo e a fúria reprimidos por anos, deixando de lado toda a postura moral encucada durante todo o seu processo de educação para se tornar uma mulher tipicamente burguesa.

A reação do conselheiro ao envenenamento causado pela sua filha é o oposto do quadro descrito em sua apresentação no início do romance. O militar forte, apreciador das artes clássicas e conservador, dá lugar ao homem sentimental, acuado, sem reação e que transparece toda a sua fragilidade frente ao quadro de psicose da filha e que resume o fracasso do seu projeto de normatização: “[...] o conselheiro deixava-se estrangular pelos soluços, atirado ao fundo de uma poltrona, com o rosto escondido entre as mãos” (AZEVEDO, 1887, p. 362). Reação contrastante ao do Dr. Lobão, que, fazendo jus ao sobrenome: “[...] viera da rua até lá a passo de lobo, [...] mostrava os punhos e refileava as presas, rosnando contra quem se aproximasse da “sua enferma” (AZEVEDO, 1887, p. 363). O médico, símbolo da racionalidade humana, “perde” a razão e ganha características animalizantes. Um quadro bastante trágico, escandaloso e irônico. No fim, o narrador demonstra de forma melodramática, transformando a protagonista na grande vilã e os demais em vítimas de sua loucura, que o castelo construído pela norma familiar pode ruir devido a tanta repressão causada pelos agentes normatizadores.

A seguir, analisaremos mais detidamente o médico.

2 O MÉDICO

A relação de poder exercida pelo padre sobre as mulheres, sob a máscara de confidente e conselheiro, ganha, a partir da incorporação dos valores higienistas, mais um agente, para não dizer concorrente: o médico. Será ele o aliado da igreja nessa relação e, guiado pelo estudo científico e pela ética médica, terá autoridade para falar sobre a mulher.

O grande médico era ao mesmo tempo um deus e um cacoete, um confidente e um traidor. As mulheres eram obrigadas a lhe entregar seus mistérios mais íntimos; ele os revelava em seguida aos homens, abastecendo-os de anedotas surpreendentes. [...] Era o depositário dos enigmas da fisiologia, das curiosidades da anatomia, das descobertas

notáveis da ovologia, do catálogo alucinante das perversões sexuais inéditas. (DOTTIN-ORSINI, 1996, p. 222).

Segundo Dottin-Orsini (1996, p. 222), o médico seria o estimulante dos cronistas e dos romancistas. Os fatos que ele relatava e divulgava tinham a vantagem de ser, em tese, verdadeiros, pois estavam sob a autoridade do poder científico (leia-se, poder masculino). Podemos dizer “em tese” porque para o fato ser verdadeiro valeria quanto de confiança a mulher depositava no profissional. Se com o padre o temor a Deus servia como parâmetro para obtenção da confissão dos pecados, quanto ao médico, o critério seria outro: o resultado do método científico para a cura, o controle efetivo do corpo e da mente.

Desde os primeiros anúncios até o lançamento do livro *O homem*, Alúcio Azevedo apresentava sua obra como estudo científico de um caso de histeria feminina; contudo, o leitor mais atento também poderá identificar a obra como uma crítica aos costumes da burguesia brasileira. A visão do narrador se apresenta como aquela que analisa o caso clínico da personagem principal baseado nos estudos científicos sobre a histeria. Para demonstrar essa ideia, Azevedo insere epígrafe extraída do *Tratado Clínico e Terapêutico sobre Histeria*, obra do médico e psicólogo francês Pierre Briquet: “As paixões e afeições morais tristes são os únicos que predisõem à histeria.” (AZEVEDO, 1887, p. 7, tradução nossa)⁴. O tratado citado por Alúcio foi escrito com base num estudo quantitativo com mais de 400 pacientes com diagnóstico de histeria, no qual o cientista contesta algumas certezas até então existentes entre as causas da histeria “como sua causa imputada a frustrações sexuais, e lançava luz sobre o papel das emoções na gênese dos sintomas físicos”. (ÁVILA e TERRA, 2010, p. 335). Em seu *Tratado Clínico e Terapêutico sobre Histeria*, além de afirmar que a histeria pode se manifestar também em homens, contrariando uma tradição médica, Briquet defendia que “a histeria era consequência de emoções violentas, tristezas prolongadas, conflitos familiares e decepções amorosas que sobrevenham em sujeitos predispostos e hipersensíveis” (JORGE e TRAVASSOS, 2021, p. 32). Nesse sentido, Briquet elenca aspectos que deflagram predisposições para a histeria:

[...] 3º No entanto, **a histeria pode existir no homem**, mas desde que haja nele a mesma predominância.

4º A razão desta especialidade não se encontra na genitália feminina; **é encontrado no modo de sensibilidade específico para as mulheres**. [...]

7º A histeria pode existir na criança antes da puberdade; o tempo máximo de sua frequência é a idade de doze a vinte cinco anos; além dessa idade, a inversão da histeria é rara.

⁴ "Les passions et les affections morales tristes sont les seules qui prédisposent a l'hysterie."

- 12° Uma educação muito dura leva mais à histeria do que a uma educação muito mole.
[...]
14° As paixões tristes e os afetos morais são os únicos que predisõem à histeria.
(BRIQUET, 1859, p. 161-162, tradução nossa, grifo nosso).

A visão de que a histeria seria causada por distúrbios ligados ao útero remonta aos tempos da Grécia antiga na figura de Hipócrates, o pai da medicina. O útero seria um órgão com necessidade de gerar filhos e, quando isso não ocorria, o órgão reagiria e afetaria várias regiões do corpo feminino, produzindo, por consequência, quadros de histeria (JORGE e TRAVASSOS, 2021, p. 20-21). Embora reconheça que a histeria possa se manifestar em homens, Briquet não rompe com a tradição de associá-la à mulher; portanto, não foge à visão machista da sociedade. Nesse ponto, o narrador de *O homem* busca reproduzir o discurso de Briquet na fala do Dr. Lobão. Vejamos:

A histeria pode ter várias causas, nem sempre é produzida pela abstinência; seria asneira sustentar o contrário. **Convenho mesmo com alguns médicos modernos em que ela nada mais seja do que uma nevrose do encéfalo e não estabeleça a sua sede nos órgãos genitais, como queriam os antigos**; mas isso que tem que ver com o nosso caso? Aqui não se trata de curar uma histeria, trata-se de evitar a histeria. Ora, sua filha é de uma delicadíssima sensibilidade nervosa: acaba de sofrer um formidável abalo com a morte de uma pessoa que ela estremecia muito, está por conseguinte sob o domínio de uma impressão violenta; pois o que convém agora é evitar que esta impressão permaneça, que avulte e degenera em histeria; [...] Para isso é preciso, antes de mais nada, que ela contente e traga em perfeito equilíbrio certos órgãos, cuja exacerbação iria alterar fatalmente o seu sistema psíquico; e, como o casamento é indispensável àquele equilíbrio, eu faço grande questão do casamento!
[...]
- De acordo, mas...
- Casamento é um modo de dizer, eu faço questão de do coito! - Ela precisa de homem!
(AZEVEDO, 1887, p. 68-69, grifo nosso).

Primeiramente, Lobão concorda com Briquet quando afirma que a histeria não deriva de uma frustração sexual e de que ela seria uma neurose de origem cerebral, sem relação com a genitália, ou melhor, a ideia de equilíbrio estaria mais atrelada a uma questão fisiológica sobre as causas da histeria. Também concorda que há sujeitos predispostos e hipersensíveis e que sua paciente sofreu uma decepção amorosa e vivencia, após essa decepção, emoções violentas, ou seja, toda a cartilha do médico francês.

Contudo, buscar reproduzir um discurso científico na obra não necessariamente confirma que houve uma reprodução fidedigna da teoria apresentada, pois trata-se de uma obra literária que, obviamente, se constrói com princípios distintos de um ensaio científico.

Segundo Bulhões (2003, p. 106), Émile Zola acreditava que o método científico encerraria qualquer prática idealista e ilusória na literatura. Para o autor francês e pai do naturalismo, o escritor precisa ser imparcial, domar os sentimentos, respeitar o determinismo

dos fatos e ter senso do real. Mas, na linguagem literária, como não trabalhar com a imaginação? Bulhões (2003, p. 108) defende que nos romances naturalistas há uma dialética entre o científico e o simbólico. No científico, no qual o autor denomina de sistematização, o discurso da ciência entra pela voz do narrador ou dos seus personagens principais.

No romance *O homem*, como já abordamos, reconhecemos o discurso sistematizador inicialmente na voz do narrador e no personagem do Dr. Lobão, que expõe cuidadosamente o discurso científico para descrever o quadro de saúde e as atitudes de Magdá. Contudo, esse substrato científico nunca elimina, antes abastece os desdobramentos simbólicos do romance: “[...] num aparente paradoxo, o senso do real da prosa naturalista precisa se impregnar do elemento metafórico como motor para eficácia da comunicação” (BULHÕES, 2003, p. 117). Na prosa naturalista a imaginação é que irá levar os personagens para o conflito. É a imaginação que ativa o desejo sexual em Magdá e deflagra uma luta interna entre a vontade de concretizar o seu desejo e as imposições morais. A imaginação é, portanto, a condutora da decadência.

Assim, os sonhos da heroína seriam então parte de uma estratégia de pôr em prática o exercício da imaginação, da fantasia e do erotismo. É através do sonho, do pensamento, da metáfora, que é dito o que não seria dito. Podemos dizer que no sonho está a verdade da natureza humana e no mundo real está a fantasia de uma sociedade calcada numa série de valores e discursos que visam controlar a liberdade e exercer o poder sobre os corpos e formas de pensar.

Aluísio Azevedo traz em seu romance a crítica, em certo ponto velada, à instituição do casamento por conveniência. Para defender a tese de que a interdição do sexo à mulher tinha como objetivo exclusivo atender às convenções sociais impostas pela moral higienista, era fundamental apresentar as consequências nada positivas dessa interdição. Então, para trazer equilíbrio a certos órgãos do corpo, o Dr. Lobão defende que o casamento, ou seja, o coito é fundamental para evitar o desenvolvimento do quadro de histeria. No livro, a obsessão e a frustração sexual são responsáveis por agravar o quadro de histeria desenvolvido por Magdá, o que em certa medida contraria os preceitos do médico citado pelo próprio autor do romance, Pierre Briquet, visto que não seriam os “chamados do útero” os causadores exclusivos do agravamento do quadro histeria.

O Dr. Lobão dentro da narrativa é a pessoa autorizada a falar sobre a doença de Magdá e suas receitas são respeitadas à risco por todos, exceto pela sua paciente, o que abre espaço para uma dupla interpretação desta figura de autoridade na obra de Azevedo. Ao personagem médico era vendida, novamente em tese, personificação da autoridade, da ética e dos valores científicos. Mas o que se apresenta no romance é um médico quase caricato, grosseiro, que

insulta seus pacientes e que tem a ideia fixa de que a doença de sua paciente se resolveria com o coito, negando outras situações que poderiam ter gerado o quadro de histeria: por exemplo, o trauma sofrido por Magdá com a partida e depois a descoberta de que Fernando seria seu irmão. Ao final do romance o médico falha por insistir em tratamentos sem sequer ouvir o que sua paciente teria a dizer. O doutor não estabelece em nenhum momento uma relação de confiança com a sua paciente, e sim com o pai e, mesmo assim, de forma hierárquica e autoritária.

Portanto, a figura do médico, embora demonstre ter contato com as recentes descobertas científicas, não se aprofunda nesses estudos e também não impõe respeito por parte de sua paciente, que, veremos adiante, sabota os métodos por ele propostos.

3 O “HOMEM”

O homem que dá título ao livro é o cavouqueiro Luís, personagem que pertence ao núcleo dos trabalhadores portugueses da Corte. Luís vive com a sua família no Brasil desde a infância e todo o seu núcleo (Custódia, a matriarca da família; tia Zefa; Justina, empregada da casa, e Rosinha, sua noiva) foge da lógica normatizadora de família, uma vez que não temos uma figura masculina ocupando a posição autoridade máxima, pelo contrário, a principal autoridade é representada por uma mulher, Custódia. Essa relação se aproxima da realidade de muitas famílias da classe trabalhadora brasileira, ou seja, aquela liderada por mulheres. Esse é um dos primeiros contrastes entre a casa pequeno burguesa e a dos trabalhadores do cortiço. A coletividade é soberana, não o indivíduo. Este núcleo, o dos trabalhadores imigrados pobres, é o que embasaria mais tarde os protagonistas do romance *O Cortiço*.

Em *O Cortiço*, Aluísio Azevedo ilustra, na figura do comerciante João Romão, o imigrante português ambicioso e avaro, cuja ascensão social acontece pela relação de dependência econômica dos moradores do cortiço e pela exploração de sua concubina, Bertoleza. No romance há uma clara crítica do narrador à imagem do imigrante português considerado honesto e trabalhador, que contrastaria com a imagem do homem dos trópicos. Azevedo faz uma divisão entre o imigrante português da classe trabalhadora e o pequeno burguês, demonstrando desprezo ao imigrante explorador da pobreza de brasileiros desvalidos e sedento pela riqueza a qualquer custo, e vinculando boas virtudes ao imigrante trabalhador. Em *O homem*, o cavouqueiro Luís está atrelado ao imigrante português de características positivas: o trabalho honesto, a humildade, a solidariedade e a alegria.

No romance *O homem*, o espaço, embora muito próximo, é bem delimitado e serve como alegoria para estabelecer a divisão entre a casa pequeno-burguesa e o modo de vida dos trabalhadores. Enquanto Magdá vive no enclausuramento do quarto grande e vazio, regrado, cercado de silêncio, ócio, pouco convívio social e de uma felicidade impossível graças às normas repressoras da moral burguesa, o cenário do núcleo da classe dos trabalhadores imigrados é o oposto. O espaço é comunitário, pequeno e amontoado, a música se faz presente e a rotina não é estabelecida pelas regras sociais, mas pela necessidade da labuta. Apesar das condições de trabalho difíceis, da total ausência do Estado em relação à política de educação, habitação e saúde, o romance mostra que a felicidade para os trabalhadores do cortiço não está relacionada essencialmente à riqueza.

Há uma relação de interdependência entre esses dois núcleos. A família burguesa depende do trabalho da população do cortiço, e ela vive às margens desse centro empregador. Essas relações são delimitadas especialmente nas redes interpessoais, por exemplo, embora Justina tenha a confiança da família de Magdá, sua presença é estabelecida pela sua relação de trabalho com a casa pequeno-burguesa.

O trabalhador braçal Luís é a figura que desperta a cobiça de Magdá e povoará seus sonhos, misturando ora a figura de seu falecido irmão, Fernando, ora Jesus Cristo. Seu contato físico com a protagonista ocorre uma única vez, momento suficiente para provocar nela profundos conflitos:

O trabalhador que se ofereceu para conduzir Magdá era um moço de vinte e tantos anos, vigoroso e belo de força. Estava nu da cintura para cima e a riqueza dos seus músculos, bronzeados pelo sol, patenteava-se livremente com uma independência de estátua. Os cabelos, empastados de suor e pó de pedra, caíam-lhe em desordem sobre a testa e sobre o pescoço, dando-lhe à cabeça uma satírica feição de sensualidade ingênua. (AZEVEDO, 1887, p. 139)

O homem descrito pelo narrador é jovem de beleza e energia física e moral. Não se descrevem aspectos subjetivos, apenas o corpo, mas não qualquer um: é o corpo do homem fora do ambiente doméstico, do homem da rua, do servo, do escravo, mas o termo "independência de estátua" nos remete também a uma certa nobreza desse corpo, a nobreza dos heróis gregos e romanos.

Magdá se vê atormentada por seus desejos e sonhos pelo fato de eles quebrarem essa relação hierárquica entre o servo e o nobre, entre o saudável e o doente, entre a sexualidade reprimida e a vivida. A protagonista vive uma relação ambígua de desejo e repulsa, gerada,

sobretudo, por sua educação romântica e regrada. Luís, mesmo em sonho, jamais deveria entrar no mundo íntimo da moça burguesa e esse fato involuntário, por fim, o leva à morte.

Embora seja o homem que dá nome ao título do romance, ele não é escrito em letra maiúscula. O trabalhador aparece mais como um ser observado do que como observador e esse observador é a mulher. É comum na história da literatura, especialmente no romantismo, o corpo feminino surgir como objeto de adoração, o corpo-estátua. A literatura naturalista segue quase a mesma linha. O narrador, desta vez, apoiado pelo discurso científico, atua como um “voyeur” legitimado a observar e descrever o corpo, em geral feminino.

O corpo que se desnuda no romance naturalista é, em geral, o feminino, ou seja, aquele corpo que ocupa a posição de objeto de contemplação e observação [...] O corpo masculino esteve mais ausente, enquanto a voz masculina ocupa o discurso como sujeito do “conhecimento” do corpo feminino [...]

Para a psicanálise, o ato de olhar - que deriva do tocar - pode ser considerado uma perversão quando ocorre um prolongamento dessa atividade sem que o ato sexual prossiga. (BULHÕES, 2003, p. 163-164)

Em *O homem*, na “relação” entre Magdá e Luís há uma inversão desse quadro. Magdá observa e vê o homem como objeto de desejo. Luís assume a posição de corpo-estátua. Retratar a objetificação do corpo masculino representava uma inversão das relações de poder estabelecidas na literatura que por sua vez era composta em sua imensa maioria por autores homens.

Ao mesmo tempo em que valoriza as virtudes do homem trabalhador o narrador permite que o corpo masculino a ser visto como objeto de desejo sexual da moça burguesa seja o do trabalhador: o corpo rústico, destituído de intelectualidade, que seria oposto à razão e próximo à irracionalidade, a animalidade, o estereótipo do homem dos trópicos, que só ganharia certa “nobreza” no mundo onírico de Magdá. O corpo concreto, bestial se imaterializa para que a protagonista obtenha autorização para concretizar a instituição do casamento aos moldes da moral burguesa.

Portanto, não é qualquer homem a ser “objetificado”. Luís pertence à classe dos trabalhadores imigrados pobres que vieram ao Brasil e que, segundo Mérian (2013, p. 59), não era uma condição muito diferente da dos trabalhadores escravizados. O corpo desejado não é o do homem de perfil socialmente nobre como Fernando, descrito apenas pelas suas características subjetivas, e sim o do homem do povo e desejar esse corpo não aceito pela norma burguesa significava a impossibilidade de realização sexual. A norma repressora nesse sentido importa os conflitos de classe para o interior das casas, reproduzindo as divisões e os conflitos

e o resultado dessa disputa entre o desejo e o papel social exigido levam à loucura da protagonista.

4 MAGDÁ

As transformações ocorridas na sociedade brasileira no século XIX fazem nascer uma nova mulher dentro da lógica burguesa: aquela que serve como objeto de valor político e econômico para o projeto de mobilidade social. A conduta da mulher oitocentista estava submetida não só à vigilância do pai ou do marido como aos olhares da sociedade. Por outro lado, esse novo papel da mulher também gerou no homem uma dependência da imagem projetada por elas socialmente, logo, este homem de prestígio e aparentemente livre estava na verdade cercado de mulheres das quais se esperava uma determinada postura para manutenção de seu status social.

Para atender a esse projeto normatizador era fundamental a manutenção do controle sobre os sentimentos e corpos dessas mulheres, suprimindo todo e qualquer tipo de desvio. O médico, como já abordado, seria a figura central para o controle dos corpos e dos afetos, ao introduzir dentro da família a lógica da valorização do corpo saudável, que fez do preconceito racial um elemento para afirmação da hegemonia burguesa, valorização da educação intelectual e a educação sexual para garantir a reprodução de “raças saudáveis”. Contudo, “[...] esta mesma educação desencadeou uma epidemia de repressão sexual intrafamiliar [...]. Instigados pela higiene, homens passaram a oprimir mulheres com machismo; mulheres a tyrannizar homens com o “nervosismo” (COSTA, 1989, p.15). A mulher nervosa passaria a ser a inimiga do homem, aquela que ameaçava o seu prestígio dentro do jogo de interesses econômicos, impedindo a realização das alianças, a reprodução de sua prole e de seu patrimônio, portanto, deveria ser curada, medicada.

Antes de mais nada, convém destacar que a protagonista do romance de Azevedo é apresentada como uma jovem burguesa, daí a questão da repressão sexual ser tão presente. O imaginário do século XIX ainda era impregnado pelas ideias de Hipócrates como já abordado, ou seja, a ideia de que a mulher era portadora de forças instintivas incontroláveis e o histerismo era a manifestação pura dessas necessidades. Essas manifestações do útero, leia-se, o desejo sexual, deveria ser controlado a fim de evitar danos à mulher e sua rede de relacionamento.

Em seu livro *Atentados ao Pudor*, o jurista Viveiros de Castro lista uma série de eventos que caracterizam “estudos sobre as aberrações do instinto sexual”, dentre eles ninfomania,

moléstia que “[...] não passa de uma afecção grave resultante de uma lesão dos órgãos genitais ou dos centros nervosos [...] faz a mulher esquecer o pudor e a decência de seu sexo, praticar atos de cinismo e torpeza, entregar-se nojentamente ao homem” (CASTRO, 1934, p. 47). Para o autor, uma das causas que predispõem à ninfomania seria a histeria, doença no qual o instinto genital levaria mulheres a manifestar seu impulso sexual de forma acentuada. A literatura científica da época, além de alimentar o discurso jurídico, convergia para afirmar que a mulher poderia tornar-se um ser socialmente perigoso e que nesse sentido deveria ser submetida ao controle rígido da medicina.

A maternidade seria uma alternativa de controle do corpo da mulher para evitar os casos de histeria e os escândalos que viessem abalar a honra da família burguesa e a literatura científica da época corrobora para a afirmação de que “[...] o instinto materno anula o instinto sexual e, conseqüentemente, aquela que sentisse desejo ou prazer sexual será, inevitavelmente, anormal” (PRIORE e BASSANEZI, 2004, p. 284). Assim, para evitar casos da doença, era fundamental que a mulher cumprisse sua função estabelecida na norma médica: procriar para manter a tradição e o status do patriarca.

Se por um lado a ciência era usada como um mecanismo de controle e normatização dos comportamentos e “desvios”, por outro ela era usada como arma dos setores mais reformadores da época, como os abolicionistas e os anticlericais, para denunciar certas questões assumidas como tabu para a época, especialmente as vivenciadas dentro da família burguesa, e mostrar pela lente da ciência, como a sociedade estava doente e frustrada e que precisava enfrentar o discurso normatizador para tratar essas frustrações.

A questão da sexualidade feminina ultrapassa os discursos científicos e torna-se uma temática que ganha relevância nos romances naturalistas brasileiros no sentido de revelar o “[...] mascaramento da repressão sexual da civilização burguesa, cuja estrutura social se encontra alterada pelas neuroses provocadas pelas inibições morais, pelo sistema de restrições e de privações, tornando-se incapaz, portanto de atingir a satisfação sexual” (BULHÕES, 2003, p. 99).

Aluísio Azevedo retrata sua personagem do romance *O homem* nesses padrões: como uma mulher de aparência frágil, nervosa e que vive o dilema interno entre o desejo sexual e a repressão moral e esse conflito interno gerado pela vontade ainda que inconsciente de experienciar o ato sexual com as obrigações atribuídas ao gênero e a classe, gera conseqüências desastrosas à protagonista e a todos em seu entorno.

No romance de Aluísio Azevedo, o quadro de histeria de Magdá vai se desenvolvendo a partir do trauma causado pela ausência de Fernando e, após o contato com o corpo do cavouqueiro Luís, esses sintomas se agravam, pois a protagonista passa a vivenciar através dos sonhos a sua sexualidade. Sergio Paulo Rouanet (2004, p. 435-436) analisa a evolução do quadro de histeria de Magdá no romance de Aluísio Azevedo a partir da semelhança com as ideias de Freud. Sobre a natureza da doença mental de Magdá, Rouanet estabelece que possui características dos três tipos de anormalidades psíquicas classificadas por Freud: a perversão, manifestada por traços de sadismo quando mata o casal de rolas; a psicose, evidenciada pela fobia e sintomas corporais; e a neurose, quando Magdá chega ao estágio de preferir a realidade sonhada à vivida, fonte de sua insatisfação.

Nesse processo de evolução do quadro de histeria, a protagonista vai aos poucos sabotando as imposições normatizadoras, a começar pelo Dr. Lobão. Nas primeiras páginas o narrador descreve como o médico era visto por sua paciente:

Ela embirrara sempre com o Dr. Lobão; tinha-lhe velha antipatia: achava-o sistematicamente grosseiro, rude, abusando da sua grande nomeada de primeiro cirurgião do Brasil, maltratando os seus doentes, cobrando-lhes um despropósito pelas visitas, a ponto de fazer supor que metia na conta as descomposturas que lhes passava. (AZEVEDO, 1887, p. 50).

Magdá, ao contrário de seu pai, não enxergava o médico como uma figura respeitável, pelo contrário. Achava-o ríspido e não merecedor de seu status. Contudo, dentro dessa relação, o comportamento da moça era visto como uma ameaça aos status do patriarca da família. Conforme preconizada por Briquet, a sensibilidade era um atributo específico das mulheres e se esperava delas uma natural fragilidade, beleza, doçura e submissão. Entretanto, a mulher, dominada pela irracionalidade, o oposto da racionalidade masculina, era vista como um ser contraditório que poderia apresentar características opostas a esse comportamento esperado pela sociedade burguesa. Magdá ao longo do romance perde todos esses atributos a partir do trauma sofrido: sua saúde de adolescente dá lugar ao estado permanentemente enfermo; a beleza se esvai e seu comportamento tende sempre à insubordinação, ainda que mascarada de obediência.

A princípio, ela aceita a ideia de casar-se, porém, após a partida de Fernando, deixa de pensar como uma moça romântica. A filha do conselheiro tinha plena consciência de que o casamento fazia parte de um jogo de interesses alheio ao sentimento amoroso. Magdá sabia das

suas vontades e estava disposta a seguir e equilibrar a necessidade de obedecer aos códigos morais e escolher um marido que atendesse aos seus interesses:

[...] uma vez que o casamento era arranjado daquele modo; uma vez que tinha de escolher friamente um homem, a quem se havia de entregar por convenção, queria ao menos escolher um dos menos difíceis de aturar; um homem de gênio suportável, com um pouco de mocidade e uma fortuna decente” (AZEVEDO, 1887, p. 62-63).

Nessas falas, a protagonista manifesta o desejo de agir a seu modo nesse jogo de interesses, recusando pretendentes que não correspondiam às suas exigências. Essa é uma das primeiras formas de transgredir as normas sociais impostas à mulher, resistência em celebrar o matrimônio.

— A razão porque, para me seduzires, tomaste a forma de um grosseiro trabalhador de pedreira e não a de elegante e gentil cavalheiro [...]
— Tão tolo não sou eu que caísse na asneira de namorar-te sob a forma de um homem de sociedade; porque, se assim fizesse, lograria apenas impressionar-te o espírito, já tão viciado pela própria sociedade, e não conseguiria pôr em jogo os teus sentidos, como obtive disfarçado em simples trabalhador, de corpo nú, forte, inteiro, e homem para toda a mulher! [...] mas vieste pura e simplesmente arrastada por minha beleza varonil e pela masculinidade do meu corpo! (AZEVEDO, 1887, p.187-188).

O "homem" é todo o pensamento de Magdá e uma crítica de Aluísio aos costumes da burguesia. Dentro da narrativa, o casamento é encarado como a prova pública da união por interesse e só serve para demonstrar poder/status, nada além disso. Casamento não compra lealdade e Magdá estava em busca disso. De um relacionamento leal, uma relação que ela tinha com Fernando e sabia que naquela sociedade em que vivia, onde tudo se compra ou vende, não encontraria.

Conforme o objetivo de matrimônio da protagonista não se concretiza, vão se apurando o quadro de histeria, a luta interna contra as expectativas de seu pai, a superação do trauma com a partida de Fernando e a supressão interna de seus desejos.

A segunda forma de transgressão do patriarcado presente na narrativa consiste no fato de que o desejo de Magdá, embora muito reprimido, ainda é sentido e descrito no romance através de gestos. Vejamos no trecho em que Magdá é carregada no colo por Luís após a síncope na pedreira:

Não perguntou onde estava, nem indagou quem a conduzia; apenas esticou nervosamente os músculos num espreguiçamento de gozo e estreitou-se em seguida ao peito do rapaz, unindo-se bem contra ele, cingindo-lhe os braços em volta do pescoço com a avidez de quem se apega nos travesseiros aquecidos para continuar um sono gostoso e reparador. E caiu depois num fundo entorpecimento, bambeando as pálpebras; os olhos em branco; as narinas e os seios ofegantes; os lábios secos e despregados, mostrando a brancura dos dentes. Achava-se muito bem no tépido

aconchego daquele corpo de homem; toda ela se penetrava do calor vivificante que vinha dele; toda ela aspirava, até pelos poros, a vida forte daquela vigorosa e boa carnadura, criada ao ar livre e quotidianamente enriquecida pelo trabalho braçal e pelo pródigo sol americano. Aquele calor de carne sã era uma esmola atirada à fome do seu miserável sangue.

E Magdá, sentindo no rosto o resfolegar ardente e acelerado do cavouqueiro, e, nas carnes macias da garganta o roçar das barbas dele, ásperas e maltratadas, gemia e suspirava baixinho, como se a estivessem acarinhando depois de longa e assanhada pugna de amor.

Quando o moço, já em baixo, a depôs em um banco de pedra que ali havia, a enferma abriu de todo os olhos, deixou escapar um grito e cobriu logo o rosto com as mãos. (AZEVEDO, 1887, p. 140-141)

Esse trecho descreve a manifestação do desejo puro de Magdá. Azevedo faz uma analogia ao cenário de uma relação sexual: o colo do amante a levando ao quarto, o primeiro contato físico, o travesseiro de uma cama confortável, preliminares, a penetração, o prazer masoquista, o relaxamento após o ato. Posta no banco de mármore, vem o choque de realidade e a culpa por deixar viver, ainda que de forma muito breve, o prazer que aquele corpo poderia lhe fornecer.

Aqui, além de imaginar o cenário, entra outro aspecto transgressor da sexualidade feminina: a objetificação do corpo masculino. Aqui, ao contrário do romantismo, não é o corpo da mulher que é objetificado e/ou endeusado, mas o do homem. A mulher torna-se observadora e portadora do desejo, mas diferentemente de uma moça do romantismo, não há amor sublime, aquele que transcende o humano, muito pelo contrário. Podemos dizer que não há amor. Esse amor romântico só existirá nos sonhos de Magdá, junto com o ideal de homem perfeito: aquele que possui todos os atributos desejados pela moral burguesa, somado ao ideal de beleza clássica greco-romana. O que há é o desejo mundano, vulgar, o corpo visto como objeto puro e simplesmente como podemos observar também na passagem do passeio ao Campo de Santana:

Magdá parou defronte da escultura e parecia interessada por ela. Aquele homem de músculos atléticos prendia-lhe a atenção. Por que? - Sabia lá! [...]

- Não há no mundo um homem assim como este, hein, papai?

- Assim como, minha filha?

- Assim forte, musculoso...

- Ah! de certo que não.

- Mas já houve...

- Ora, noutros tempos; quando os guerreiros carregavam ao corpo armaduras de dez arrobas.

- E as mulheres dessa época? Deviam ser também bastante vigorosas...

- Com certeza! Pois se uns descendiam dos outros... (AZEVEDO, 1887, p. 214)

Na estátua do Campo de Santana é projetada a pulsação sexual, remetendo à ideia clássica e renascentista de força e beleza, bem como na passagem da oração ao Jesus Cristo crucificado. Essa pulsão está sempre envolvida na contradição entre sagrado e o profano, entre

a força e a fraqueza, o dominador e o dominado, trazendo para o mundo subjetivo as contradições existentes no plano concreto, ou seja, as contradições de classe e gênero.

Após a sua primeira experiência sexual, ainda que em sonho, Magdá começa a pensar e imaginar coisas além do que do que é exigido pelas normas sociais, ou seja, seus pensamentos já não estão voltados somente para o casamento, vida religiosa e doméstica, mas para o sexo. O sexo, sorvido no/pelo casal de recém-casados do cortiço gera uma série de perturbações na protagonista que determinam o seu destino seguindo as “leis naturais” da ciência.

Embora transgressora no sentido de objetificar o corpo masculino, a protagonista é “punida” pelo agravamento do seu quadro de histeria, ou seja, ela, segundo as prescrições científicas da época, segue a tendência degenerativa herdada de seus pais e termina em uma casa de detenção.

Magdá não tem saída. Nos momentos em que tenta adaptar-se às prescrições da moral normatizadora, ela fica imediatamente sujeita a sofrimentos, doenças e perversões, portanto, se segue as convenções sociais impostas, adoece. Se não as segue, ou seja, se age a seu modo nesse jogo de interesses, sua vivência será carregada de culpa, como ocorre no despertar do transe após ser carregada da pedreira por Luís e quando desperta de seus sonhos. Não há escapatória para o final trágico, pois esse desejo nunca será satisfeito. Frente a isso, o caminho seguido pela protagonista é mergulhar definitivamente no mundo onírico, no mundo pelo qual estará livre da regulação do sistema patriarcal, religioso, das prescrições médicas, da doença. Ao optar por se refugiar no mundo onírico e na loucura, a filha do conselheiro subverte as normas civilizatórias e se liberta das amarras que regulamentam as pulsões, experienciando o prazer, a maternidade e a benção do pai e de Fernando nos sonhos e o sadismo ao punir o casal que teve o desejo satisfeito na noite de núpcias, e, não se rendendo à instituição do casamento.

O final do romance transmite uma mensagem de certo modo ambígua. Vejamos.

Ao não seguir os preceitos do médico e evitando um destino “cientificamente” estabelecido pela fisiologia feminina e pelas normas higienistas, cujo objetivo era manter o domínio patriarcal e burguês que seria gerar herdeiros através do casamento institucionalizado, Magdá, por ousar a pensar numa vida sexual livre de tabus, é punida com a loucura e comete um crime. Nesse sentido, o romance poderia ser interpretado como um instrumento de validação das ideias higienistas/conservadoras.

Por outro lado, como vimos, Magdá nunca se opôs ao casamento imposto pelas normas sociais e desejava, mesmo que em seu íntimo, justamente concretizar o coito como o médico prescrevia. A grande crítica está justamente na imposição da instituição do casamento e da

repressão exercida pela religião e pelos agentes de normatização. A repressão dos conflitos exercida pela moral religiosa e pelas normas higienistas seria a causadora da crise na subjetividade dos indivíduos. Aqui o romance na realidade estaria então condenando a repressão sexual da mulher.

Uma obra ficcional nunca estará dentro do campo da neutralidade. A sociedade nunca estará livre de conflitos e contradições no campo das ideias uma vez que vivemos numa sociedade de classes. O autor pode adotar o lado dos opressores ou dos oprimidos em variados graus, desde o mais extremo ao mais escapista. Ao adotar a premissa de que o romance reafirma o discurso higienista estaríamos ignorando justamente esses conflitos existentes no Brasil no fim do século XIX e a posição do autor frente a essa realidade.

Analisando o contexto histórico e os conflitos da vida social do final de oitocentos e considerando que Aluísio Azevedo foi um grande crítico do modelo econômico escravista, da influência do clero e do modo de vida da burguesia da Corte, a mensagem que o romance transmite é uma grande crítica à instituição do casamento, posituação da classe dos trabalhadores e ridicularização das figuras de poder. Para subverter o discurso hegemônico, Aluísio recorreu a recursos disponíveis na época, ou seja, o discurso científico, para defender que um corpo saudável inexistente se não houver livre arbítrio, uma sociedade livre de repressões de cunho religioso e autoritário e também republicana, no sentido, para a época, de trazer democracia, educação e condições dignas de vida para a população amontoada nas cidades, o que na realidade acabou não se concretizando após a proclamação da república, visto que muitos intelectuais de seu tempo foram silenciados após a instauração do novo regime (MENDES, 2009, p.124), e até os dias atuais essa ainda permanece sendo uma realidade no país. A disputa pelo discurso hegemônico continua mais viva que nunca.

CONCLUSÃO

O cenário descrito ao longo deste trabalho talvez não esteja tão distante do que vivemos atualmente. Neste início da segunda década do século pós-covid, assistimos a mais uma crise do sistema econômico que exige reflexões acerca das estruturas sociais e políticas existentes. Juntamente com esse cenário de transformação, surgem os conflitos de classe, gênero e raça.

A crise agravada pela pandemia aumentou as desigualdades e, junto com essa queda nas condições de vida da classe trabalhadora, transparecem os conflitos e com ele o anseio por uma solução, uma ideologia, por algo ou uma ideia que possa suprir nossas necessidades espirituais, físicas e psíquicas. Concomitante a esse discurso também impera a emergência de eleger um inimigo comum que sirva para contrapor e justificar a necessidade de uma ação mais efetiva e/ou violenta e para os setores mais conservadores, esse mal estará sempre atrelado às formas de viver que estejam à margem da norma patriarcal.

Quando esse anseio por mudanças estruturais se torna cada vez mais presente, forças opostas também se manifestam e é justamente a essa disputa que assistimos hoje, ou seja, a disputa pela narrativa, crise de autoridade política, algo que se manifestou também no auge do movimento naturalista no Brasil no final do século dezanove e que curiosamente ou não vai de encontro a ideia de democracia, igualdade de raça e gênero.

No interior da narrativa identificamos a exposição do discurso normatizador, mas pelas mãos do autor esse mesmo discurso é subvertido, trazendo à tona os conflitos existentes dentro da classe que detém o poder. Nesse sentido, o romance *O homem* questiona e subverte as figuras de poder - o patriarca e o médico pequeno-burguês - e põe em xeque o discurso científico tão em alta no período em que o romance foi produzido, o que revela certa ousadia não só de Aluísio, mas de outros autores do naturalismo, no sentido de publicar obras num período ainda delicado para tratar a questão do “amor livre”.

Ainda comparando com o momento atual, com a velocidade das informações, a proliferação dos podcasts, há muita discussão, debate, mas acompanhado disso tudo há muita reação dos setores mais conservadores e reacionários do país, ou seja, está mais do que nunca “perigoso” tocar nesses temas que questionam o discurso normatizador. Vivemos essa dialética entre a liberdade e a prisão do discurso normatizador, entre exploradores e explorados. A literatura, a arte de uma forma geral, assim como no século XIX, é um poderosíssimo instrumento de luta nesse embate e por isso é tão atacada, pois, permite que obras como *O*

homem e outras do naturalismo, mesmo sofrendo um período de apagamento, cheguem até nossos tempos, nos toquem e deem o que falar. Que assim seja.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Lazslo Antônio; TERRA, João Ricardo. *Histeria e somatização: o que mudou?* Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 59, p. 333-340, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/hH68rMvG9GqSbb6Q6DKLctw/?lang=pt>. Acesso em 13 de nov. de 2022.

AZEVEDO, Aluísio. *O Homem*. 3^o ed. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4893/1/002293_COMPLETO.pdf. Acesso em: 17 de out. de 2022.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 50^o ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BRIQUET, Pierre. (1859). *Traité clinique et thérapeutique de l'hystérie*. Paris: J-B. Baillièrre et Fils. Disponível em: < https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=h2M_AAAcAAJ&oi=fnd&pg=PP2&ots=iSnisGKN36&sig=9ktGKXayFhGBwUZeuYSo4pEMDyU&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 17 de out. de 2022.

BROCA, Brito. *Naturalistas, parnasianos e decadentistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Coordenação: Alexandre Eulálio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

BULHÕES, Marcelo. *Leituras do desejo: o erotismo no romance naturalista brasileiro*. 1^o ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CAMELLO, Cleyciara dos Santos Garcia. *A promoção publicitária de O homem (1887), de Aluísio Azevedo: naturalismo, pornografia e mercado livreiro*. In: Congresso Internacional da ABRALIC, 2018, Uberlândia - MG. Congresso Internacional 2018 - Circulação, Tramas e sentidos na literatura. Uberlândia, 2018. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547733640.pdf. Acesso em: 17 de out. de 2022.

CASTRO, Francisco José Viveiros. *Atentados ao pudor (estudos sobre as aberrações do instinto sexual)*. 3^o ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, 1934.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 3^o ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

DOTTIN-ORSINI, Mireille. *A mulher que eles chamavam de fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

JORGE, Marco Antônio Coutinho; TRAVASSOS, Natália Pereira. *Histeria e sexualidade: clínica, estrutura, epidemias*. 1^o ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

MENDES, Leonardo; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. *Naturalismo, aqui e là-bas. O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 109-127, jun. 2009. ISSN 2358-9787. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3311. Acesso em: 23 de abr. de 2023.

MENDES, Leonardo. *O romance republicano: naturalismo e alteridade no Brasil 1880-90*. Letras & Letras, [S. l.], v. 24, n. 2, 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25403>. Acesso em: 16 de abr. de 2023.

MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo: vida e obra (1857-1913)*. Tradução Claudia Poncioni. 2º ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla. *História das mulheres no Brasil*. 7º ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ROUANET, Sérgio Paulo. A Construção da histeria feminina em Aluísio Azevedo. In: *Escolas literárias no Brasil: Tomo I*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004, p. 425-445.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 9º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. *O Naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira, 1601 a Machado de Assis, 1908*. 4º ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.